

Fábio José Martins de Lima

Cidade Operária de Monlevade: Novos Conceitos de Morar

Resumo

O estudo aborda as propostas urbanísticas desenvolvidas para a Cidade Industrial de Monlevade em concurso promovido pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira no ano de 1934. Dentre as 13 proposições apresentadas, nos deteremos nos planos delineados pelo arquiteto Lúcio Costa e pelo engenheiro Lincoln Continentino. Ambos, ao seu modo, estavam sintonizados com o que de mais atual se fazia nos grandes centros urbanos. Enquanto Costa arriscava os primeiros passos na vanguarda do movimento moderno, ao adotar o sistema construtivo preconizado por Le Corbusier, em 1914, Continentino se apoiava nos pressupostos das cidades jardins, segundo modelo proposto por Ebenezer Howard, ainda no final do século XIX. De um lado, as soluções programáticas para a Cidade Operária de Monlevade antecipam estratégias que serão empregadas para a construção da cidade moderna no Brasil ao longo desse século. De outro lado, elas revelam as possibilidades de atuação profissional dos arquitetos e dos engenheiros, bem como os referenciais empregados, no confronto de visões em jogo.

Introdução

As propostas urbanísticas desenvolvidas para a Cidade Industrial de Monlevade, em concurso promovido pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira no ano de 1934, são aqui analisadas numa perspectiva comparada, para a compreensão do confronto de ideários colocados. A organização do concurso para a Cidade Operária de Monlevade teve a finalidade de consolidar a ampliação da companhia, cuja fundação no município de Sabará, em Minas Gerais, remonta ao ano de 1921. Para tal empreitada, foram importantes experiências anteriores da própria empresa, na organização de um programa para a implantação de uma cidade industrial de grandes proporções, na Bélgica, e a construção de uma vila residencial, na usina de Siderúrgica, em Sabará, onde foram implementadas moradias operárias, bem como serviço médico e clubes esportivos e recreativos. O

programa do concurso incorporou no edital outros equipamentos como escola, igreja, cinema e comércio. Também por força do edital, os projetos definitivos e respectivos cadernos de encargos para a execução das obras deveriam ser providenciados pela equipe vencedora. Foram apresentadas 13 propostas urbanísticas, dentre as quais a do engenheiro Lincoln Continentino² e a do arquiteto Lúcio Costa³. A comissão julgadora constituiu-se de personalidades como o engenheiro Caetano Lopes, antigo diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Rede Mineira de Viação, o cirurgião e higienista Borges da Costa, diretor do Instituto do Rádio de Minas Gerais e o arquiteto belga Leopoldo Bouvier. A iniciativa da Belgo-Mineira, ao optar por um concurso foi a primeira desencadeada por uma empresa privada “...rigorosamente de acordo com os preceitos do urbanismo moderno”⁴. O interesse demonstrado pelas equipes técnicas em participar do concurso revela o grau de importância do mesmo, o qual permitiu um confronto de ideários, em particular entre um pensamento, ainda vinculado à tradição da formação politécnica do século XIX, que se apropriava dos preceitos inseridos na concepção das cidades jardins, e uma vanguarda inspirada no racionalismo europeu, influenciada pelo método proposto por Le Corbusier, para a construção de uma cidade moderna. Essas duas vertentes marcaram a formação do urbanismo e do planejamento urbano no Brasil, nas primeiras décadas deste século, a primeira delas vinculada aos “...planos de melhoramentos que, em seguida, se ampliaram para o conjunto da área urbana, para a aglomeração e receberam denominação, já na década de 70, de planos diretores de desenvolvimento integrado.”⁵ A segunda linhagem se coloca na esteira do movimento moderno, guardadas as suas especificidades e interpretações regionais, desencadeado nos anos 20, cuja difusão ocorre a partir dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - CIAM’s.

A organização geral estabelecida nas propostas para Monlevade permite analisar as soluções programáticas adotadas pelas equipes técnicas para o concurso, cujo memorial descritivo acompanhado de desenhos detalhados revela também as vinculações teóricas de cada uma. Além de não se limitarem, simplesmente, ao atendimento dos pré-requisitos estabelecidos no edital da Belgo-Mineira, as equipes de Costa e Continentino ousaram anunciar novos conceitos de morar no partido da cidade operária. Para isso, foram importantes algumas realizações anteriores, como o Plano de Urbanismo de Araxá, no caso de Continentino, e o projeto para a Vila Operária da Gamboa, delineado por Costa, em parceria com o arquiteto Gregori Warchavchik, ambas experiências que remontam ao ano de 1933. Para o plano da cidade balneária de Araxá, que teve a participação do arquiteto e urbanista Aurélio Lopes, Continentino adotou partido com zoneamento que compreendia uma área residencial, uma área comercial e uma área de parques e jardins. O traçado busca adequação com o sítio, sendo que “...os perfis dos arruamentos foram organizados de

acordo com as condições de tráfego máximo previsto. Tratando-se verdadeiramente de uma cidade-jardim, foi previsto o máximo possível de área gramada e ajardinada. (...) Outra norma geral seguida no projeto dos arruamentos foi aproveitar os leitos dos inúmeros e abundantes córregos da bacia do Barreiro, para projetar, ao longo deles, avenidas canalizadas. (...) Adotou-se várias vezes em condições especiais do terreno, em zona residencial, o sistema de arruamentos cul-de-sac, quando se pôde realizar melhor aproveitamento do terreno loteado e fácil drenagem de águas”⁶. Também para a parte residencial, foram estabelecidos parâmetros urbanísticos específicos como uma taxa de ocupação de 25 % da área dos lotes e distância mínima de 5 metros, tanto para o afastamento frontal, quanto para os recuos laterais. O parque ficava no centro da área total a ser urbanizada, “...limitado por uma avenida de contorno, para a qual converge todo o movimento da estância”⁷. Nele, estavam localizadas as edificações como o grande hotel e o cassino, assim como as instalações balneárias, fontes e área de lazer. Ao lado do parque, o centro cívico ou administrativo, compreendia a prefeitura, os serviços de correios e telégrafos e o centro de clínica crenológica. Além disso, o plano definitivo previa a construção de uma vila operária, nas proximidades da estância balneária.

As primeiras obras construídas em linguagem moderna por Lúcio Costa foram desenvolvidas no período em que esteve associado a Warchavchik, com quem manteve um escritório técnico por cerca de dois anos, a partir de junho de 1932. Os projetos desencadeados pela Sociedade de Construções Warchavchik-Lúcio Costa demonstram com clareza o papel predominante de Warchavchik, pela “...simplicidade racional da planta e da elevação - baseada na utilização quase exclusiva da linha reta, às vezes atenuada por uma ligeira curva dos elementos secundários -, o mesmo jogo de volumes cúbicos e prismáticos, a mesma superposição de terraços que asseguravam ao conjunto o essencial do seu caráter, a mesma nudez absoluta das paredes e, finalmente, o emprego dos mesmos elementos de detalhe, em particular das janelas com caixilhos metálicos”⁸. No caso da Gamboa, optou-se por um sistema construtivo tradicional, “...couçoeira à moda antiga; taboado em cima e metal de ployer embaixo para fazer o forro e o terraço. A cobertura era também em couçoeiras; elas apoiavam-se na parede, deixando uma folga de 2 cm em relação à mureta, porque a parede fazia um dente”⁹. Sobre o terreno de difícil aproveitamento, dadas as suas dimensões reduzidas e forma curva irregular, optou-se por uma ocupação integral, com circulação externa comum aos blocos contínuos e geminados. A solução em planta foi definida a partir de dois tipos com programa mínimo que compreendia sala, quartos, cozinha, banheiro e área de serviço, configurando um total de 14 apartamentos.

O Plano de Urbanismo da Cidade-Operária-Monlevade

O Plano de Urbanismo para a Cidade Operária de Monlevade desenvolvido por Lincoln Continentino teve a participação de João Penna Filho e a colaboração de Alberto Peres, Agostinho Catella, Nelson Cesar Pereira, Shakespeare Gomes e José Cantagalli.¹⁰ Para a orientação geral do plano urbanístico “...foram devidamente considerados todos os múltiplos elementos que exercem influência ponderável sobre o desenvolvimento de uma cidade industrial moderna”¹¹, consideradas, assim, questões essenciais, na perspectiva da engenharia sanitária, ou seja, as condições de saneamento, os serviços de abastecimento de água, os esgotos sanitários e pluviais, a drenagem das águas, a limpeza pública, o saneamento rural, o abastecimento do leite, a provisão de carne e gêneros alimentícios em geral, os matadouros e o cemitério. Na configuração da cidade foi estabelecido zoneamento que abrangia dois setores residenciais e uma parte comercial, sem perder de vista a ligação com a área industrial representada pela usina. Além disso, o plano previa a instalação de um parque e praça de esportes, que não foram representados, tendo em vista que a área definida no edital não os comportava. A cidade foi dividida em dois grandes setores interceptados pela Estrada de Ferro Central do Brasil, sendo que, para cada um deles, previu-se a instalação de uma praça de convívio. Em torno de uma dessas praças em forma elíptica, na parte alta da cidade operária, previu-se a localização do centro comercial e administrativo. Este tinha o perfil de um centro cívico, no qual estavam situados o armazém, o clube, o cinema, a administração e a padaria, equipamentos essenciais para as atividades a serem desenvolvidas na cidade operária.¹²

As características irregulares da topografia do terreno, fizeram com que Continentino evitasse movimentos de terra, bem como vias com declividades acentuadas. Ao invés de “...um sistema rígido geométrico de arruamentos retilíneos, formando polígonos regulares,(...) foram estabelecidos perfis racionais para os arruamentos, segundo as regras dominantes de urbanismo, aplicadas às cidades-jardins”¹³. Com declividades máximas de 15 % , as vias foram hierarquizadas segundo a sua função e capacidade de tráfego, sendo que “...as ruas estritamente residenciais têm a pista de 6.00 ms. de largura; a avenida marginal ao rio Piracicaba tem a pista de 9.00 ms. de largura, porque deve suportar o tráfego da estação até a Usina Siderúrgica”¹⁴. Foram também previstos ajardinamentos e arborização integrados aos elementos da infra-estrutura, sendo que, para a complementação do sistema viário, foram criadas passagens, definidas por aléias de 4 metros de largura, de modo a facilitar a circulação de pedestres. Para as habitações operárias, Continentino sugeriu “...estilo arquitetônico (...) de bom gosto, elegante, simples e despretencioso, em harmonia com o cenário local. As fachadas das casas serão revestidas a rústico ou

apresentarão côres claras”¹⁵. A construção das edificações foi projetada a partir de 7 tipos de casas, “...amplos e confortáveis, bem ventiladas e insoladas, (sendo que) as poucas (...), cujas frentes estão dirigidas para o sul, são convenientemente insoladas pelas outras faces”¹⁶. Além disso, as casas operárias “...foram protegidas contra os ruídos exagerados, agitações, poeiras, fumaça, recuando-as convenientemente em relação ao alinhamento das ruas, rodeando-as de jardins e áreas gramadas, afastando-as da usina siderúrgica e estabelecimentos industriais”¹⁷. O partido arquitetônico definido em bloco único, com 1 pavimento, previa cobertura em duas águas, recuos de 4 metros, no mínimo, entre duas residências e fechamentos por meio de cercas vivas ou grades feitos de tubos e arames.

O plano estabelecido por Continentino previa a subdivisão das quadras em lotes mínimos com largura de 12 metros e afastamento frontal de 5 metros. Em alguns casos, este afastamento poderia ser reduzido para 3 metros. Na implantação do centro cívico optou-se por uma parte plana do terreno, na qual foi projetada a construção de “...um grande edifício comercial, com entrada e saída para o interior, permitindo a descarga de mercadorias pelo pátio interno”¹⁸. O prédio apresentava partido constituído por bloco simétrico e compreendia “...armazem, depósito de gêneros, leiteria, açougue, instalação frigorífica, armários, barbearia, sapataria e pequenas oficinas. Em frente a este edifício, em local mais discreto, há uma construção destinada à padaria.”¹⁹ Na área central da praça foi colocada a igreja, com orientação para o nascente e frente voltada para o rio. Também ao redor da praça foram dispostos o clube com área ajardinada e local para estacionamento de veículos, o cinema, o prédio da administração, a delegacia e, por fim, os correios e telégrafos. Os setores residenciais tinham a comunicação assegurada com a estação ferroviária e com a usina, por meio de duas vias, sendo que uma delas partia diretamente do centro cívico. A parte baixa da nova cidade, reservada para futura expansão previa a construção de uma ponte sobre o rio Piracicaba, nas proximidades da praça marginal projetada. Outros equipamentos públicos foram projetados, como a escola disposta no meio de uma pequena praça na qual se previa a instalação de um play ground. Fora do perímetro estabelecido no edital foram também projetados um hospital, um cemitério e um aeroporto. Ao mesmo tempo, Continentino fez considerações sobre o tráfego e a ambientação paisagística da cidade, “...observadas as condições de circulação fácil dos veículos e dos transeuntes (...) as ruas principais são largas, delineadas de modo a permitir circulação desembaraçada e visibilidade suficiente para evitar acidentes. Nas ruas estritamente residenciais, visou-se criar dificuldades e obstáculos ao tráfego rápido e intenso de automóveis, antes que facilitá-lo, com prejuízo para os habitantes. Para este fim, foram estabelecidas as pistas de rolamento dos arruamentos com a largura mínima aconselhável; a curvatura das ruas não permite velocidades exageradas e a concordância dos grades limita

a 48 kms por hora as velocidades dos vehiculos e a 80 ms, o alcance da visibilidade.”²⁰ O projeto de arborização, foi estudado criteriosamente “...localizando-se, de preferencia, uma arvore em frente de cada residencia, mas de modo a não difficultar a illuminação nocturna, nem a visibilidade nas esquinas e cruzamentos. As arvores a serem plantadas nos arruamentos e logradouros não devem ter raizes horizontaes, como o ficus, o platano e as saponareas que são damnosas aos passeios e calçamentos.”²¹ Os serviços públicos, também motivo de preocupação de Continentino, foram descritos em seguida, com as justificativas para os sistemas de abastecimento de água e de captação de esgotos, assim como a pavimentação, o fornecimento de energia, as instalações sanitárias, o abastecimento de leite e carne, a limpeza urbana e o saneamento rural.

O Ante-Projeto para a Villa Monlevade

A solução desenvolvida por Lúcio Costa no seu “Ante-projecto para a Villa Monlevade” representa “...o primeiro momento em que a absorção da doutrina de Le Corbusier se expressa na (sua) atividade projetual”.²² A proposta envolve mais do que uma aplicação dos preceitos modernistas devido à intenção do autor em difundir as idéias racionalistas.²³ O memorial ressalta o emprego de um “...systema constructivo ha cerca de vinte annos preconizado por Le Corbusier e P. Jeanneret, e já hoje por assim dizer incorporado como um dos princípios fundamentaes da architectura moderna - os pilotis: ‘on ne se trouvera plus devant ou derriere la maison, mais sous la maison’”²⁴. Entretanto, “a implantação geral do conjunto nada tem a ver com as propostas urbanísticas desenvolvidas até então por Corbusier, mas atende a uma solução de implantação organicamente dependente da topografia, acidentada em toda a região. Solução, aliás, integrante da tradição (colonial) construtiva das Gerais”²⁵. O partido adotado busca, em primeiro lugar, “...evitar os inconvenientes, difíceis sempre de remediar, dos delineamentos rígidos ou pouco maleáveis, procurando, pelo contrário, aquele delineamento que se apresentasse como mais elástico, tornando assim fácil a sua adaptação conveniente às particularidades topográficas locais”²⁶. Outro pré-requisito para a disposição do conjunto era “...reduzir ao mínimo estritamente necessário as despesas com movimentos de terra que, supérfluo se torna frisar, tanto poderiam encarecer o custo global da obra”²⁷. Além disso, a implantação delineada visava “...prejudicar o menos possível a beleza natural do lugar a que se refere, muito a propósito, o programa”²⁸, deixando claro que, embora conhecesse a região, não pôde visitar o local. Costa apresenta no seu plano, com precisão de detalhes, os modelos a serem edificados, inclusive incorporando ao estudo um tipo de mobiliário adequado às

unidades habitacionais. Entretanto, ao contrário de Continentino, não foram estabelecidos parâmetros urbanísticos para o conjunto, ou mesmo, regras de saneamento.

O partido adotado por Costa configura-se por um centro de convivência, em torno do qual estão dispostas as áreas comercial, de serviços e de lazer. No entorno desta praça estão localizadas as residências operárias, inseridas em meio aos espaços verdes, vencendo a topografia da encosta acidentada. O conjunto foi pensado com simplicidade e clareza e, mesmo “...atribuindo a cada edifício o caracter proprio á sua finalidade, procurámos manter, em todos, aquella unidade, aquella ar de família a que já nos temos referido e que, repetimos, caracteriza os verdadeiros estylos”²⁹. O programa definido para a vila, além das habitações individuais, previa a construção de um armazém, um clube, um cinema, uma escola e uma igreja. Para todas as construções foi empregado o mesmo sistema construtivo baseado no concreto armado que “...não deveria levar qualquer revestimento, mas simples caiação ou pintura adequada”³⁰. A cobertura projetada também para todas as edificações era “...uniforme de Eternite não somente devido á leveza, durabilidade e apreciaveis qualidades isothermicas desse material, como por ser elle de procedencia belga e de aquisição possivelmente vantajosa para a Companhia (...)constando de uma agua apenas a cobertura das casas e de duas as dos demais edificios, as calhas e conductores foram reduzidos ao minimo”³¹. Costa ainda especifica outros detalhes gerais, como forros e esquadrias, nos quais sobressaem, além das inovações possibilitadas pelo uso do concreto, algumas técnicas construtivas tradicionais. No caso dos forros, “...seria adoptado o seguinte criterio: cinema e igreja - lage de concreto com espessura minima e trabalhando á face inferior das vigas; armazem e club - caiação directa sob as chapas de eternite; escola e casas - taquara convenientemente esticada sob barroejamento de 1” x 3” afastado cerca de 0m,50 de eixo a eixo, tendo para o remate com a parede e á guisa de mata-junta uma simples ripa de 0m,01 x 0m,04”³². Para as casas, na distribuição das esquadrias, previu-se a colocação de elementos uniformes, sendo que, as janelas moduladas em 1 m x 1 m, com peitoril a 0,95 m, teriam caixilho e veneziana trabalhando externamente, do tipo guilhotina, com previsão de saída de ar junto ao forro em todos os cômodos. As portas foram definidas em cedro, com folhas de 0,75 m x 1,95 m, sem pintura, apenas enceradas. O clube teria venezianas fixas na parte superior dos vãos e caixilhos na parte inferior do tipo guilhotina. Na escola seriam empregados caixilhos do tipo basculante. Finalmente, o armazém e a igreja, teriam “...caixilhos de concreto Casa Sano, de 0m,30 x 0m,30, com vidros fixos ou laminas formando veneziana; na igreja taes vidros poderiam ser de côr azul para fazer contraste com as paredes caiadas de branco, contribuindo, além disso, para crear uma certa atmosphaera de recolhimento - aconselhavel, ao que parece, nesse genero de edificios”³³. Por fim, com relação às esquadrias, Costa ressalta que “...excluidas as venezianas, todos os

demais caixilhos destinados á ventilação, seriam tratados á maneira das janellas de rotula tão commum nas antigas casas da região”³⁴.

O partido definido para os blocos projetados guarda algumas particularidades, como “...o club e a escola (...) estudados de fôrma a permittir o accesso por niveis differentes, tornando assim facil adaptal-os ao lugar”³⁵. Em frente ao clube previu-se a construção de um coreto, sendo que este tinha a finalidade também de atender à praça circular localizada no centro geométrico, por assim dizer, do conjunto. Os blocos foram dispostos a partir de dois eixos que se cruzam no centro da praça, com a escola situada um pouco mais afastada, na extremidade de um desses eixos. Na proposta de Lúcio Costa, a estética e a técnica de construção sobressaem e se conjugam com “...preocupações sociais, evidentes em todo o memorial descritivo, análise das condições naturais, emprego vantajoso da técnica moderna, sem o culto do material artificial, e o propósito de impor-se ao meio circundante, característicos da obra de Le Corbusier”³⁶. Ao aproveitamento da arborização existente, uma das imposições do edital, acrescia a ressalva de que “...seria de toda vantagem um plano completo que não se limitasse ás ruas e praças, mas incluísse nos seus cuidados os proprios jardins das casas, contribuindo assim para a harmonia do conjuncto”³⁷. Além disso, Costa ressaltava que “...a administração da villa deveria tambem prohibir terminantemente a póda das arvores ou arbustos em fôrmas bizarras ou geometricas, pois constitue um dos preceitos da urbanisação moderna o contraste entre a nitidez, a symetria, a disciplina da architectura e a imprecisão, a symetria, o imprevisto da vegetação”³⁸. Com relação à via férrea foram projetadas “...de ambos os lados, touceiras continuas de bambús, formando-se assim, artificialmente e sem maiores despesas, um verdadeiro tunnel que attenuaria o ruido, eliminaria a poeira, melhoraria o aspecto”³⁹. Para as ruas foi proposto um sistema simples, com o emprego de placas de concreto e juntas de grama, como uma atualização “das velhas capistranas”. Já a área reservada à expansão da cidade, Costa sugeriu aproveitá-la em benefício dos próprios moradores, nela instalando horta e pomar, cuja manutenção ficaria a cargo de uma cooperativa.

As habitações operárias foram agrupadas duas a duas, geminadas por motivos de ordem econômica e plástica, ao invés de dispersas, “...porquanto soltas umas das outras, pequenas demais como são, poderiam parecer mesquinhas na paisagem. Assim, aquella fila de casas que serpenteia hombro a hombro ao longo das ruas e tão bem caracteriza as cidades do nosso interior, foi voluntariamente quebrada, para permitir maior intimidade, relativo isolamento - pois talvez já não tenha sentido, para os operários de uma indústria tão ruidosa, aquelle gosto da vizinhança de que Roy Nash soube dizer tão bem: Why set my house on the middle of a garden when I can build so near my friend, João, that I can counsel with him about cattle and crops without getting out of my hammock?... God

knows there is enough of silence and loneliness in the sertão!”⁴⁰. À economia de fundações e à flexibilidade de implantação das unidades, gerada pelo uso do pilotis somam-se as vantagens do conforto ambiental, proporcionadas pelo emprego de laje elevada “...livre portanto de qualquer humidade”, bem como de sistemas construtivos leves e independentes da sub-estrutura. O agenciamento interno do programa das casas previa a possibilidade de três tipos construtivos A, B e C, respectivamente com 2, 3 e 4 quartos. Além desses cômodos, instalados no pavimento superior, conjugavam-se também uma sala, um banheiro e uma cozinha, sendo que, no térreo-pilotis foi disposta área coberta com tanque.

A solução em planta das casas buscava evitar o inconveniente dos “...quartos em comunicação directa para a sala commum afim de evitar espaço perdido”⁴¹. Para justificar tal solução, Costa ressaltava que se deve “...attentar no seguinte: 1º a sala para a qual se abrem directamente tantas portas é de pequenas dimensões; 2º é a única da casa, deverá servir, portanto, de sala de estar e jantar a um tempo; dahi se deduz que, além da impossibilidade de uma arrumação conveniente das peças, toda e qualquer intenção de socego - já não diremos aconchego - se acharia de ante-mão comprometida pelo vae-vem da circulação obrigatoria, abertura de portas, ruidos, etc”⁴². Nesse sentido, a previsão de uma circulação reservada para os quartos e banheiro, “...um espaço interno para o dégage ment (...), é, nestes casos, não apenas legitimo, mas indispensavel ao conforto dos moradores - mesmo operarios - porquanto, longe de ser perdido, será, de todos, o mais servido, com a vantagem de restituir, além do mais, á sala commum - que, de outra fôrma, se teria transformado ella toda em corredor - a sua principal finalidade, ou seja: um lugar onde se possa estar, ao menos, tranquilamente”⁴³. Além de valorizar o espaço da sala de estar, na qual também se dava o acesso pela escada ao pavimento inferior, Costa previa a construção de um banheiro mínimo para todas as casas, uma inovação em relação ao “...clássico metro quadrado com latrina e chuveiro por cima - os moradores é que se arranjam”⁴⁴. No térreo-pilotis, uma área coberta, com tanque, abrigava a escada de acesso ao pavimento superior.

Ao programa proposto por Costa foi incorporado também, “...um typo economico de mobiliario adequado ás casas projectadas e composto de peças de grande simplicidade de execução”⁴⁵. A intenção era não permitir uma ocupação “...com o mobiliario disparatado de que habitualmente se entulham as casas operarias á imitação dos não menos entulhados interiores burgueses”⁴⁶. Inclusive, nesse sentido, o memorial de Costa sugere uma exposição que pudesse comparar o arranjo caótico, comum nesses casos, a uma arrumação com os móveis “Standard” recomendados. Previa-se ainda, que “...a arrumação da casa-modelo poderia ser completada com utensilios de uso domestico, economicos e desprezenciosos, vendidos no armazem local: esteiras ou tapetes de corda, linon com

desenhos simples de pintas ou xadrez, louça toda branca, vasos de barro, etc., etc”⁴⁷. Para coibir a a colocação de adornos ou “enfeites” agregados às novas unidades residenciais, Costa ressaltava ainda a necessidade da “...administração da villa simplesmente proibir a venda no referido armazem de setinetas, falsos brocados e toda essa quinquilharia de máo gosto com que industrias baratas costumam innundar os suburbios e o interior”⁴⁸. E visando estimular o interesse pela conservação das casas, “...seria curioso applicar-se a Monlevade o exemplo da S.K.F. na Suecia: todos os annos em dias não estabelecidos previamente, uma comissão examina as casas, conferindo como premio, ás melhor conservadas, dispensa do aluguel por prazo que varia de um a doze meses”⁴⁹.

À Guisa de Conclusão

As soluções programáticas propostas por Lincoln Continentino e Lúcio Costa, para o concurso de Monlevade, aqui esboçadas, revelam a importância dessa experiência precursora no campo da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Os novos conceitos de morar revelam-se em escalas diferenciadas, num plano mais global, no caso de Continentino, e com um enfoque mais particular, no caso de Costa. Ao mesmo tempo em que encerram uma fase, marcada pela visão prática, no viés politécnico, abrem um outro ciclo, cuja visão experimental e inovadora, insiste em propor novos materiais e técnicas, para a construção de uma cidade moderna. O trabalho de Continentino teve a distinção de ser classificado em primeiro lugar, ao passo que, o projeto de Costa ficou em último lugar.⁵⁰ A implementação do plano urbanístico ficou a cargo do engenheiro belga Louis Ensh⁵¹, que aproveitou parcialmente as proposições técnicas das equipes, em particular a organização geral proposta por Continentino, como revela o germe da cidade operária que permanece nos dias atuais...

Bibliografia

- BARDI, Pietro Maria. Lembrança de Le Corbusier; Atenas, Itália, Brasil. São Paulo: Nobel, 1984.
BARDET, Gaston. L'Urbanisme. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.
BOESIGER, Willy. Le Corbusier. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S. A., 1980.
BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo: Estação Liberdade; FAPESP, 1998.
BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes (org.) (Re) Discutindo o Modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil. Salvador: MAUUFBa, 1997.
CONTINENTINO, Lincoln. Saneamento e Urbanismo. Belo Horizonte: s.e., 1937.
COSTA, Lúcio. Sobre Arquitetura, 1º vol. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.

LEME, Maria Cristina da Silva. Urbanismo no Brasil: 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. Arquitetura e Estado no Brasil : Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso modernista no Brasil; A obra de Lúcio Costa 1924-1952. São Paulo: 1988, p.158. Dissertação de Mestrado - FFLCHUSP.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1997.

Currículo

Fábio José Martins de Lima (Belo Horizonte, 1961).

Professor Assistente do DAU FEUFJF. Arquiteto pela EAUFMG (1989), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAUFBa (1994), cursando o Doutorado na FAUUSP. Desenvolveu projetos em Belo Horizonte, Nova Lima, Rio Acima, Contagem e Caratinga. Consultor do DMPC/SMC/PBH (1995-1999). Professor Substituto da EAUFMG (1996).

Endereço

Endereço Eletrônico: e-mail: fjmlima@arquitetura.ufjf.br

Endereço Residencial: Av. Dr. Paulo Japiassu Coelho, 121/202 Bairro Cascatinha Juiz de Fora / Minas Gerais Cep. 36.036-330 Fone: 0xx32 2361538

Endereço Acadêmico: Departamento de Arquitetura e Urbanismo Faculdade de Engenharia UUniversidade Federal de Juiz de Fora . Campus Universitário Juiz de Fora / Minas Gerais

Cep. 36.033-310
Fone 0XX32 2293428